

CORREIO NO MUNDO

Reuters/Folhapress



Rússia optou por "colocar panos quentes" na polêmica

Rússia critica EUA, mas evita escalada no caso do petroleiro

A Rússia criticou na quinta (8) a apreensão de um petroleiro com bandeira do país por forças americanas, ocorrida na véspera quando o navio Marinera se aproximava da Islândia. Para Moscou, que evitou escalar a crise, o ato aumenta "as tensões político-militares na zona euro-atlântica". Segundo nota da chancelaria, a ação militar "ilegal, perigosa e irresponsável" americana irá inspirar seus aliados. "As autoridades do Reino Unido, que tem um longo histórico de pirataria marítima, estão particularmente inclinadas a intenções predatórias". O ministério também pediu o retorno de russos que integram a tripulação do navio, que transportava petróleo venezuelano bloqueado pelo governo de Donald Trump, mas notavelmente não exigiu o retorno da embarcação.

Rússia analisa política externa dos EUA

O comedimento tem explicação. Os russos estão lendo o novo momento da política externa de Trump, que no seu primeiro ano de volta à Casa Branca fez aberturas importantes ao Kremlin, comprando boa parte do ponto de vista de Vladimir Putin acerca da Guerra da Ucrânia. Ao mesmo tempo, o americano tem como prioridade encerrar o conflito, e as negociações estão em fase de conclusão de proposta pelo lado ucraniano e europeu, em conjunto com os EUA.

Reuters/Folhapress



Petroleiro Bella-1 foi apreendido pelos EUA

Situação do navio é polêmica à parte

A captura por americanos no sábado (3) do ditador Nicolás Maduro, um aliado de longa data de Putin, fez crescer a percepção de que Trump irá endurecer sua posição para tentar força a Rússia a topa um acordo de paz. De forma secundária, há a própria situação legal do Marinera, no mínimo discutível. O petroleiro de 333 metros integrava o que é conhecido como frota fantasma: navios de identidade nebulosa usados para driblar sanções. Ele se chamava Bella-1 e tinha bandeira da Guiana até dezembro, quando Trump anunciou um bloqueio ao petróleo da Venezuela.

Plano europeu acaba frustrado

Também nesta quinta, a chancelaria bombardeou o plano anunciado por França e Reino Unido de enviar uma tropa de paz à Ucrânia para monitorar, com apoio americano, um eventual cessar-fogo entre os beligerantes. "Qualquer força estrangeira será um alvo legítimo", disse a porta-voz Maria Zakharova.

Por Igor Gielow (Folhapress)

O temor de Petro

O presidente da Colômbia, Gustavo Petro, afirmou que teme que os EUA tentem conectar a sua imagem com a de Nicolás Maduro para invadir o país. Além do possível link com Maduro, o presidente disse ao jornal The New York Times ter receio de que os EUA o rotulem como um traficante de drogas.

Imagen errada

"Ele está completamente errado sobre isso [relação com as drogas]. Eu vivo humildemente do meu salário, mesmo que ele seja relativamente alto para os padrões da Colômbia", disse, em entrevista ao jornal americano. Petro atribuiu a "imagen errada" que Trump tem dele à falta de uma comunicação direta entre os dois países.

Comunicação ruim

Ele também culpou a direita da Colômbia e dos EUA pela comunicação deficitária. Questionado sobre se continuaria a provocar Trump nas redes sociais, ele disse que não. Após o ataque à Venezuela, Petro disse que o americano tinha um "cérebro senil" e cogitou a possibilidade de "pegar em armas" para defender a Colômbia.

Convite realizado

As falas foram dadas ao jornal americano antes de Petro marcar uma reunião com Donald Trump. Na conversa com o jornal americano, ele também afirmou que planeja dormir no palácio presidencial. Os presidentes conversaram por telefone por uma hora na quarta (7). Após a ligação, o colombiano foi chamado para ir a Washington.

Catástrofe

Não há uma data prevista para o encontro, já que o visto de Petro foi revogado pelos EUA em setembro. O vice-chanceler da Colômbia, Mauricio Jaramillo, disse que ataque dos EUA na Venezuela poderia escalar e desencadear uma "catástrofe" sem precedentes na América Latina.

Boa ideia

"Se houver uma crise humanitária de grande envergadura, a crise, o impacto, a devastação serão incontroláveis. (...) Estamos falando de uma catástrofe que a América Latina não conhece", afirmou Jaramillo à AFP. Após a Venezuela, Trump falou que uma nova operação militar em território colombiano parece "uma boa ideia".



Delcy concordou em vender o petróleo venezuelano para Trump

Venezuela aceita vender petróleo para os EUA

Delcy Rodríguez, porém, diz que há 'mancha' na relação com o país

A líder interina da Venezuela, Delcy Rodríguez, afirmou nessa quarta-feira (7) que o país concordou em negociar a venda de petróleo com os EUA. Ela afirmou que o comércio com os norte-americanos "não é extraordinário nem irregular", após a petroleira estatal PDVSA anunciar uma negociação para vender óleo bruto aos EUA.

Ao mesmo tempo, a líder interina afirmou que o relacionamento entre os dois países ficou manchado após o ataque e a captura do ditador Nicolás Maduro no último sábado (3). O ataque do dia 3 deixou 100 mortos e feriu Maduro e sua mulher, Cilia Flores, segundo o ministro do Interior, Diosdado Cabello.

O presidente Donald Trump disse na noite desta quarta-feira (7), ao The New York Times, que espera que os Estados Unidos administrem a Venezuela e extraiam petróleo de suas enormes reservas por anos, e insistiu que o governo interino do país - todos ex-leais ao agora preso Nicolás Maduro - está "nos dando tudo o que consideramos necessário".

Um dia antes, Trump havia declarado que a Venezuela entregará até 50 milhões de barris de petróleo aos EUA e que o país sul-americano comprará produtos dos EUA com os lucros advindos da venda do petróleo.

A líder venezuelana afirmou que "há uma mancha" na relação bilateral. Nas ruas de Caracas, houve protestos convocados por aliados do governo. "Nico [Maduro], aguente, o povo se levanta!", gritavam mani-

festantes em passeata no bairro popular de Catia.

"Estamos defendendo nossa soberania, nossa pátria. Desde pequenos nos diziam: o império, os gringos, e muita gente acreditou que isso era um conto de fadas", declarou Tania Rodríguez, 57, aposentada.

A PDVSA informou em comunicado que "conduz uma negociação com os Estados Unidos para a venda de volumes de petróleo, no contexto das relações comerciais entre os dois países". A empresa tem um acordo de extração e venda de petróleo, entre outros, com a petrolífera norte-americana Chevron.

O secretário de Energia dos Estados Unidos, Chris Wright, havia dito mais cedo que Washington controlará as vendas de petróleo "indefinidamente".

Em declaração no Congresso, o secretário de Estado, Marco Rubio, afirmou que o governo tem um plano para a Venezuela e "não está improvisando".

Os EUA planejam depositar a receita da venda de óleo bruto em contas sob seu controle. "Esses fundos serão distribuídos em benefício do povo americano e do povo venezuelano", afirmou a porta-voz da Casa Branca, Karoline Leavitt, repetindo discurso feito por Trump.

Trump receberá representantes das petroleiras dos EUA nesta sexta-feira (9), na Casa Branca, para analisar "a imensa oportunidade que têm" na Venezuela. "Não estamos roubando o petróleo de ninguém", afirmou o secretário de Energia.